

do Brasil. Iniciou por questionar a *formação dos líderes políticos cristãos*, diante do fato de não haver para eles um acompanhamento teológico, bíblico, litúrgico, o que os faz afastarem-se das comunidades, sendo cooptados seja pela esquerda seja pela direita. A resposta para o problema se encontra, segundo ele, de um lado, na articulação pastoral-política que já está acontecendo em torno a candidatos que surgem da base e lutam em função da mesma e, de outro, na compreensão da secularidade da Igreja.

Perguntou em seguida sobre a *formação de leigos para a direção das Igrejas*, diante da clericalização marcante da Igreja no Brasil, onde é sempre a CNBB (os bispos!) a falar o que deveria ser proclamado pelos leigos. A resposta se encontra também no surgimento de líderes que venham do povo.

Urge uma nova pastoral, em que a massa vá se tornando povo.

Um terceiro questionamento girou sobre o *trabalho que a Igreja realiza (?) com a massa*. Afirmou que a Igreja não sabe trabalhar com a massa, porque fala uma linguagem de povo (10% dos brasileiros, que seriam os conscientes, militantes, sindicalizados, etc.) à massa, esquecendo a sua força revolucionária e sua messianidade. Trabalham com a massa os políticos (de esquerda ou direita) e as seitas, mas quase sempre manipulando-a. A Igreja deveria saber articular uma pastoral micro (pequenos grupos e comunidades) com uma pastoral macro (a população em geral, a opinião pública). Urge uma nova pastoral, em que a massa vá se tornando povo (sujeito) tanto na religião quanto na política. Importante aí é o lugar da religiosidade popular e, porque não?, da própria missa dominical onde, em vez de um trabalho de conscientização — conciliá-lo com a celebração! — o que se faz é, muitas vezes, uma pastoral de resignação, descarregamento, deixando sempre a massa exposta às manipulações.

Um quarto e último questionamento interrogava sobre o trabalho da Igreja *com a classe média*. Esta vai sendo faturada pela direita ou pela esquerda ou por movimentos eclesiais nem sempre verdadeiramente engajados numa luta de evangelização libertadora. Falta à Igreja um instrumento pastoral adequado para trabalhar com a classe média na linha da libertação. O que há, da parte dos mais progressistas, é uma desconfiança e uma acusação em cima da "arte diplomática" da classe média e, da parte dos mais conservadores, um deixar-se envolver pelos favores que a classe média oferece.

Falta no Brasil um laicato respeitável, uma "intelligentsia" católica. Uma aliança com a classe média, naturalmente com critérios que partam da opção pelos pobres, daria força à tarefa libertadora, tanto pela repercussão social e simpatia junto ao público quanto pela colaboração na organização e metodologia de trabalho. Para isso, porém, é necessário abandonar a prática do maniqueísmo-dualismo social (o pobre é bom, o rico é mau!), para aprender um jogo de cintura que leve para a frente, sem conflitos desne-

cessários, a ação libertadora dos cristãos, de *todos* os cristãos.

O espaço não me permite dizer mais. E o que foi dito — repito — localiza-se no horizonte do meu olhar. Qualquer outro colega acentuaria, quem sabe, outros temas. O que acima escrevi espero que sirva para a reflexão dos leitores (a teologia precisa ser compartilhada com o povo!) e ajude na busca de novas práticas. Tudo em vista da construção do Reino!

Endereço do autor:
Seminário do ITESC
Caixa Postal 5041
88041 — Florianópolis, SC

EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Notas para preparar a avaliação de 500 anos de caminhada

Daniel E. Ramada Piendibene
Professor de História da Igreja

Introdução

Este artigo pretende contribuir para um equacionamento mais amplo e ao mesmo tempo mais preciso do problema das relações entre Evangelho e Sociedade na história da Igreja na América Latina. Sua finalidade não é a de analisar as referidas relações mas, apenas, a de fornecer um enquadramento geral do tema.

Com outras palavras, através destas linhas pretendo propor um marco teórico capaz de abarcar conjuntamente a complexa gama de relações entre a ação evangelizadora dos cristãos e a organização ⁽¹⁾ global que a sociedade latino-americana foi adotando.

O conflito entre Evangelho e organização da sociedade vem durando cinco séculos.

Basicamente a hipótese que está por trás de minhas afirmações é que a peculiaridade constitutiva do processo de evangelização em nosso continente é o fato de que, desde a origem, o anúncio da Palavra manteve uma relação conflitiva com o projeto de organizar a convivência social e a exploração dos recursos naturais. Por esse motivo, apesar de ter-se constituído originariamente uma sociedade "de cristandade", a cristandade colonial, nela a evangelização e a estruturação da convivência social estiveram em contradição, provocando quase permanentemente um choque de antinomias.

O conflito entre Evangelho e organização da sociedade, que vem durando cinco séculos, por momentos foi mais agudo e em outros permaneceu latente, porém nunca foi totalmente resolvido e continua sendo fonte de instabilidade, seja eclesial seja sócio-política.

Essa peculiaridade, aliás, funda a diferença de base entre o processo que levou à formação da civilização de cristandade medieval, na Europa, e o nosso processo de cristandade latino-americana. No velho continente, diversamente do que sucedeu na América Latina, a evangelização e a estruturação da sociedade se interpenetraram, resultando desse encontro uma totalidade funcional em que ambos os pólos se complementaram e se reforçaram mutuamente⁽²⁾. Aqui, a evangelização ou percorreu um caminho autônomo, abandonando a tarefa de fecundar a ordem social, ou então, quando pretendeu levá-lo em conta numa ótica totalizante, entrou em conflito com as forças estruturantes do sistema social.

Nestas páginas vou considerar dois casos de atividade missionária, nos quais os protagonistas conceberam a evangelização e a organização da sociedade como uma totalidade. Trata-se sucessivamente da atividade missionária e missiológica de Bartolomeu DE LAS CASAS e da experiência jesuítica no Estado guarani. Em ambos os casos as soluções trazidas foram diferentes, e ademais são experiências que correspondem a duas etapas distintas de presença na sociedade colonial. Não obstante, ambas têm como denominador comum precisamente o fato de terem considerado a evangelização no interior da totalidade maior que representa a estruturação e o funcionamento da Sociedade.

1. A Igreja latino-americana confrontada com a sua história e com sua identidade.

No próximo dia 12 de outubro de 1992 completar-se-ão quinhentos anos desde a chegada de Cristóvão Colombo a estas terras que hoje conhecemos como "americanas". Junto com Colombo põem pé pela primeira vez em nosso continente o evangelho de Jesus Cristo e a religião católica.

É inútil destacar a importância desse acontecimento. Uma nova etapa se abriu a partir daquele momento na história desta terra e, ainda hoje, quinhentos anos mais tarde, o processo de integração dos grupos humanos que então começaram a entrar em contato está bem longe de ter-se concluído.

Aos olhos de qualquer observador, a grande pátria latino-americana se apresenta hoje como uma realização inconclusa e ferida de contrastes. Os pólos selvagens de desenvolvimento, que até põem em perigo nosso equilíbrio ecológico, coexistem ao lado de zonas ainda inexploradas ou com sociedades inteiras estagnadas, como que paradas no tempo.

Por outro lado, quando o olhar pretende projetar-se para o porvir, poucos serão os sociólogos que se arriscariam seriamente a realizar um prognóstico preciso sobre o rumo que tomará esta totalidade geopolítica e cultural nos próximos anos. E não digo nos próximos 500 anos, senão sequer nos 20, 50 ou 70 anos que empiricamente possamos prever, nós que hoje protagonizamos os destinos desta sociedade. É difícil, então, estabelecer um balanço equânime sobre

a marcha de 500 anos de civilização ocidental na América Latina.

Os juízos que merecem a ação pastoral da Igreja neste período tampouco são unânimes

Os juízos que merecem a ação pastoral da Igreja neste período tampouco são unânimes. As posições vão desde um triunfalismo fácil que valoriza, por cima de toda outra consideração, e dimensão numérica do cristianismo latino-americano, até um questionamento radical que se pergunta se é possível falar de **evangelização**, quando os frutos que o cristianismo produziu na América Latina não têm sido suficientes para fazer desaparecer desta terra problemas tão graves quanto a fome, a mortalidade infantil, o analfabetismo, a marginalidade trabalhadora, cultural e econômica, a corrupção política, a dependência sócio-política e econômica, a prostituição infanto-juvenil, a extrema miséria, a produção, comércio e consumo de drogas e estupefacientes, a discriminação racial, o genocídio indígena, o latifúndio, o autoritarismo militar — latente ou manifesto — a exploração do homem pelo homem... e outros tantos escândalos gravíssimos para a fé, que constituem o pão nosso de cada dia para a imensa maioria dos batizados que compõem nossas igrejas.

Como avaliar, portanto, esses cinco séculos de evangelização?

Em busca de um paradigma

Para quem abre os olhos e quer ver, a realidade latino-americana é demasiado clara, demasiado nítida para poder passar despercebida. No entanto, as discrepâncias de enfoque sobre o fenômeno latino-americano em geral e sobre a evangelização e implantação da fé cristã em particular aí estão. Sucede que, depois de ver, é necessário julgar; e, quando se trata de julgar, é necessário escolher os valores que comandarão esse juízo, as categorias nas quais ele se exprimirá e as variáveis que se consideram centrais ou subsidiárias na hora de explicar as raízes dos problemas e suas relações de causalidade. Dizendo de outra maneira, as discrepâncias dependem da adoção (consciente ou inconsciente) de paradigmas incorporativo-interpretativos dos fatos; e a escolha dos fatos considerados relevantes depende dos valores que se sustentam.

Bartolomeu de las Casas: evangelização, colonização e organização social.

Se olharmos a gênese da evangelização latino-americana o primeiro caso que devemos considerar é o de Bartolomeu DE LAS CASAS. O ilustre dominicano teve a intenção, no decorrer de sua dilatada vida apostólica, de realizar uma síntese entre evangelização e organização da nova sociedade. Na atividade missionária que desenvolveu, entretanto, podem distinguir-se ao menos duas etapas:

a) até o fracasso do projeto "Cumaná".

Da mesma maneira que muitos dos imigrantes que se trasladaram para a América nos anos que seguem ao descobri-

mento, Bartolomeu pretendeu, a princípio, compatibilizar evangelização e conquista. Seu projeto consistia em criar colônias de trabalho. O problema que passa a enfrentar então é duplo: se se quisesse alcançar que os índios pagassem regularmente o imposto à coroa ⁽³⁾ — meio este de evitar a sua escravização — seria necessário conseguir que mudassem seu modo de relacionar-se com o meio físico. Para alcançar ambos os objetivos era necessário “civilizar” os indígenas, isto é, fixá-los em lugar estável, numa “cidade”, e ensiná-los a explorar finalisticamente o meio ambiente. Os índios deixariam de ser nômades que se aproveitam do que o meio produz em forma espontânea e passariam a sedentarizar-se, fazendo o solo produzir racional e regularmente. Junto com as técnicas agrícolas ou mineiras, os índios aprenderiam a viver como os europeus e assim estariam em condições de ser evangelizados e de converter-se ao cristianismo. As modalidades de alcançar o referido objetivo podem ser basicamente duas: ou induzi-los a viverem em “pueblos”, sob a tutela de algum missionário, ou então formar colônias mistas, nas quais o exemplo e a orientação de colonos honestos os conduzissem a levar uma vida semelhante à deles e assim a cristianizar-se.

Bartolomeu pretendeu, a princípio, compatibilizar evangelização e conquista

As circunstâncias levaram Bartolomeu de las Casas a ter que optar pela segunda dessas modalidades. Assim nasceu o projeto “Cumaná” que, como é sabido, terminou em 1522 com um fracasso total.

Entretanto, é interessante destacar que, em todo este período, o “protetor dos índios” não via ainda a incompatibilidade entre evangelização e conquista. Como escreveu M. Bataillon, o clérigo Las Casas quer conciliar, nesta altura, a salvação eterna dos índios e o lucro temporal dos colonos cristãos.

Do mencionado fracasso Bartolomeu vai tirar, nos anos seguintes, conclusões radicais, que afetam precisamente as perspectivas sobre o relacionamento entre a empresa “puramente espiritual de ganhar as almas” e “a cobiça do desejo de enriquecer-se”...

b) Vera Paz e os anos das disputas jurídicas na Península.

Marianne MAHN-LOT já destacou que as fontes sobre este período devem ser examinadas com muita prudência⁽⁴⁾. No entanto, para os efeitos de nossa investigação o que interessa destacar é que, nesta experiência, o objetivo principal é o de evangelizar os índios por meio de catecismos em língua vernácula, canções, música, representações etc., porém sem pôr o acento sobre o problema da organização da sociedade em termos de exploração do meio físico e produção. Assim, durante esse período, Bartolomeu de las Casas chegou à conclusão de que era necessário respeitar a tal ponto a autonomia dos indígenas, que não se devia influir sobre seu modo de vida social a não ser em aspectos

como o canibalismo, a criminalidade, a poligamia, etc.

Desse modo, a organização social indígena não é ignorada mas sim considerada como satisfatória. Por isso mesmo, a evangelização quer integrar-se harmonicamente na referida totalidade. Mais ainda, esse é o caminho para provar “ortopraticamente” que a empresa colonial e seu modelo de evangelização correspondente são ilegítimos e, no fundo, incompatíveis. O “único modo” de evangelizar passa por um respeito básico à organização social indígena, como se lê no prólogo à “Brevíssima Relação da destruição das Índias”, escrito em 1540.

Os índios só procuram sustentar-se sem pretender acumular, e esta maneira de relacionar-se com o meio físico é precisamente a que manda o Evangelho

Nesse documento, Bartolomeu de las Casas afirma que os índios só procuram sustentar-se sem pretender acumular (“entesourar”), e que esta maneira de relacionar-se com o meio físico é precisamente a que manda o Evangelho, cujo ideal é contrário à ambição de entesourar. “São gente muito pobre, que não possui nem pretende possuir senão o mínimo de bens temporais, o que os alheia a qualquer orgulho, ambição ou cobiça”⁽⁵⁾. Os espanhóis, ao contrário, têm outro modelo para aproximar-se do meio físico, pois pretendem “acumular riquezas e bens temporais, por causa de sua ambição inata e de sua insaciável cobiça”⁽⁶⁾.

(continua no próximo número)

Notas

(1) Neste nível prefiro ainda falar de “organização da sociedade” em vez de utilizar conceitos como “sistema social”, “estrutura social”, “classes sociais” ou outros, mais frequentes no vocabulário sociológico e teológico latino-americano. O termo “organização da sociedade”, embora mais vago, está menos comprometido com alguns dos diferentes paradigmas que se utilizam para explicar os problemas do nosso continente, resultando assim mais abrangente.

(2) Não quero dizer com isto que as relações entre Evangelho e organização da sociedade não tenham sido ocasião de conflitos na Europa, senão que essa conflitividade, ao menos originariamente, não foi da ordem do antinômico.

(3) Durante esse tempo, Bartolomeu de las Casas ainda não se questionava sobre a legitimidade de semelhante empresa. Via como natural que a Espanha tinha conquistado esses territórios e que os indígenas tinham que submeter-se a essa dominação.

(4) MAHN-LOT, M. “Bartolomé de las Casas, l'Évangile et la force”, p. 43s.

(5) Na edição das “Obras” por PEREZ DE TUDELA, Tomo V, p. 134, cit. por MAHN-LOT.

(6) Ibid., Tomo II, p. 191.

Endereço do autor:
Travessa dos Ipês, 10
Bairro da Carvoeira
88040 — Florianópolis — SC.